

Introdução

Que relação a psicanálise pode manter com a educação? Questão inaugurada por Freud como o primeiro exercício de um projeto de extensão da psicanálise a outros campos do conhecimento, obteve de seu fundador, no entanto, um tratamento discreto, ainda que entusiasmado.

Para ilustrar tal paradoxo, vale destacar um contraste interessante: de um lado, o fato de não haver na obra freudiana nenhum texto que trate exclusivamente de educação; de outro, sua recorrência, como tema, nas reflexões de Freud até suas últimas produções teóricas. Esse paradoxal legado deixou aos herdeiros de sua obra a tarefa de continuar a fazer trabalhar sua fecundidade.

Tratando de questões como os impasses dos pais no esclarecimento sexual das crianças, o peso de uma educação moralizante, excessivamente repressora, e seu impacto sobre o aumento do adoecimento neurótico da população, além do tortuoso caminho percorrido pela criação humana nos interstícios de sua sexualidade para tornar-se homem, Freud adentrou modestamente, mas de maneira singular, o campo da educação. Esse modo de abordar a educação faz com que a psicanálise, desde o início, habite

marginalmente o campo dos interesses e das reflexões pedagógicas.

Nos dias de hoje, geralmente não é senão pelo papel que a psicologia (ciência da qual se pensa ser a psicanálise um capítulo) tomou na discussão das propostas pedagógicas que alguns conceitos da psicanálise são lembrados e esta é convocada a participar, já pasteurizada e deslocada de seu ângulo próprio, do debate sobre a educação.

Mesmo aí sua atuação é considerada periférica, uma vez que as propostas que se pensam poder dela derivar não instruíam, acredita-se, as preocupações centrais do ideal pedagógico. Tal cartografia da reflexão pedagógica só sustenta a marginalidade da psicanálise em relação às questões educativas, escondendo o essencial: não existe uma pedagogia psicanalítica porque, ao contrário, *a posição da psicanálise no campo educativo é a de desmontar a pedagogia enquanto discurso mestre e exclusivo sobre a educação.*

É tomando a pedagogia *pelo avesso*, quer dizer, o *outro* lado do *mesmo* pano (para utilizar uma expressão de Jacques Lacan desenvolvida em *O Seminário*, livro 17, *O avesso da psicanálise*), que a psicanálise parece encontrar sua posição mais elaborada nesse campo, o que de modo algum equivale a ser contra a pedagogia.

Essa *démarche* psicanalítica, cujas linhas de força já estavam definidas pelo percurso de Freud na questão da educação, não discute a *boa relação* pedagógica entre o mestre e o discípulo, ou as bases de uma metodologia adequada ao ensino. Ela nos fala, antes, sobre a precariedade

inevitável de todo ato educativo, sobre a ignorância particular e insuperável, embora não incontornável, de todo adulto em relação à criança e sobre o campo amoroso que se instala entre o educador e o educando, permeando essa relação com uma atmosfera particular, decisiva quanto ao destino da aprendizagem. Fala também sobre o incerto caminho do sujeito ao longo de sua educação e dos múltiplos riscos de naufrágio nessa viagem.

Todo esforço de Freud nesse campo pode ser compreendido como sendo o de substituir a pretensão pedagógica de um *ideal educativo* (qual o melhor modo de educar?) por uma discussão sobre *as condições de possibilidade* de qualquer educação (o que é necessário acontecer para que haja uma educação?).

Desde Jean-Jacques Rousseau, considerado o pai da pedagogia moderna, a reflexão sobre a educação é lastreada pelo interesse de pensar *o melhor modo para conduzir a criança* a bom termo. Tal programa afasta, obrigatoriamente, o exame do fato educativo em si, deslocando a discussão para as figuras da boa forma.

Mesmo Freud, no princípio, não escapou dessa perspectiva de pesquisa, por isso analisar seu itinerário nos será fundamental. Foi crucial, nesse particular, Freud ter assinado, por meio de experiências práticas – como a educação dada a Hans, de cinco anos, a primeira criança na história da psicanálise a se tornar paciente –, somadas às reflexões teóricas em tempos de avanço constante, que uma certa direção pedagógica que chegou a conceber a partir da psicanálise era *impossível*. Não porque precisasse corrigir algo

em suas conjecturas originais, mas porque era enganoso o pressuposto de que existe *uma só* direção pedagógica, qualquer que seja, que conduza a criança a bom termo.

Foi necessário reconhecer que a presença do inconsciente introduz entre educador e educando um controle *impossível* sobre qualquer cartilha de bons procedimentos educacionais, pondo em xeque a ficção do *contrato* entre eles na direção de melhores resultados.

Sem compreender essa torção que a psicanálise dá à questão da equação *pedagogia-educação*, fica difícil entender com justeza a relação que a psicanálise estabelece com a educação. Com relação a esta última, outra observação é necessária. O estatuto do tema da educação no interior do discurso psicanalítico não pode ser bem entendido sem se levar em conta o deslocamento do termo “educação” para o termo “educar”, promovido por Freud.

O educar vai ter um papel importante na definição da especificidade do analisar. Lembremos de saída – e isso será objeto de uma reflexão pormenorizada ao longo deste livro – que, por muito tempo, o próprio objetivo da análise ficou definido como *pós-educativo*. Será só em 1925, no momento em que Freud retoma o célebre aforismo “Há muito adotei o dito espirituoso dos três ofícios impossíveis, isto é, educar, curar e governar”, que se poderá observar o ápice de um longo percurso do psicanalista para definir a especificidade de seu ato, sem precisar mais apoiá-lo em algo que, atualmente, já se distingue bem: o educar.

É como posição discursiva e não mais como um campo outro de conhecimento sobre o qual se deveria aplicar

a psicanálise que a educação encontra sua elaboração maior na teoria analítica. Já de posse dessa distinção, Lacan lembrará, a seu modo, em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, o risco de o analista deslizar de sua função para a de educador, ao pretender que, no fim de uma análise, o analisando se identifique com o analista, sendo dele *sua imagem e semelhança*. Educar e psicanalisar aparecem, aqui, flagrados no ponto exato em que se pode observar, ao mesmo tempo, suas fronteiras e suas *pequenas diferenças*.

O que o leitor encontrará nas páginas que se seguem obedece a esse duplo eixo de investigação. Ao primeiro denominaremos psicanálise e educação; ao segundo, psicanalisar e educar.

Uma educação virtuosa: a impotência de um modelo educativo

É com um interesse médico, o da profilaxia das neuroses, que Freud chega até o tema da educação. No artigo “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, ele amplia um debate de seu tempo acerca dos malefícios da civilização à saúde dos indivíduos, realizando uma crítica à moral excessiva com a qual, sistematicamente, se tratava a questão do sexo.

Nessa época, sua compreensão sobre a etiologia das neuroses incluía uma distinção nosográfica que, mais tarde, com as torções que sua teoria sofreria, perderia muito

de sua força, a saber: a distinção entre neuroses atuais e psiconeuroses de defesa.

No primeiro caso, tratar-se-ia de causas conjunturais, concretas e impeditivas, derivando daí uma abstinência ou uma precariedade da vida sexual. É nesse ponto que Freud se refere às exigências do malthusianismo, ideologia que apontava para as contradições entre a sociedade e a sexualidade, indicando como saída, por exemplo, o controle populacional e os sacrifícios decorrentes disso para a vida sexual dos indivíduos. Lembremos que se vivia um tempo em que o único meio de contracepção existente era o *coitus interruptus*, verdadeiro fantasma da época várias vezes mencionado por Freud em sua obra. Nesse particular, poder-se-ia esperar uma resposta científica que, de fato, não tardou a vir, através da descoberta de métodos mais eficazes de contracepção.

O problema maior parecia residir no segundo grupo de neuroses isolado nosograficamente por Freud, as psiconeuroses de defesa, assim chamadas, descritivamente, devido à função do mecanismo que as organiza: a de defesa psíquica. Nesses casos, o desencadeamento da neurose se deveria a uma defesa do sujeito contra uma representação psíquica de natureza sexual, considerada por ele próprio incompatível com seus preceitos morais. A impossibilidade de integração dessa representação faz com que esta sucumba ao recalque, permanecendo ativa no plano inconsciente através de uma solução de compromisso com o mesmo agente que a recalcou, sendo esse compromisso o que se expressa sob a forma de sintoma.